

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR

ISSN 2317-8930

PROJETO “QUAL É O PENTE QUE TE PENTEIA?”, SOBRE A MULHER NEGRA,
O CABELO E A IDENTIDADE

ESPERANÇA, Ana¹

RESUMO: “Qual é o Pente Que Te Penteia?” é um documentário ainda em processo de realização que fala sobre a mulher negra e o uso do cabelo natural. Este projeto busca pensar a respeito da estética negra e também da cultura do branqueamento que ainda se arrasta na sociedade, por meio dos depoimentos de mulheres que estão tentando subverter a indústria por trás destes padrões estéticos, assumindo o seu cabelo natural, e de como isso influencia na autoestima e na identidade.
PALAVAS-CHAVE: mulher negra, estética negra, branqueamento.

Introdução

Na necessidade de estabelecer uma temática para a realização de um projeto de documentário para uma das disciplinas do curso de Cinema e Vídeo da Universidade Estadual do Paraná, surgiu a possibilidade de produzir um filme que viria a se tornar objeto integrante do Trabalho de Conclusão de Curso. O início deste processo se deu no final do ano de 2013. Somente no início do segundo semestre de 2014 passou a ser pensado como TCC de fato.

A ideia deste filme que viria a discutir a relação da mulher negra com o cabelo natural, o documentário chamado provisoriamente “Qual é o Pente Que Te Penteia?”, teve como ponto inicial de sua etapa de realização a criação de um site com o mesmo nome (<http://opentequetepenteia.wix.com/opentenquetepenteia>), que contém conteúdo explicativo a respeito da proposta, campo para contato em que as pessoas interessadas em participar preenchem com seus dados pessoais e mensagem a produção.

No filme, se manifesta o pensamento de como a existência de padrão de beleza incide na identidade das mulheres negras, questionando de onde vem o comportamento daquelas que buscam “branquear-se” por meio do alisamento e como as mulheres negras se enxergam perante a sociedade. Este padrão perseguido pelas mulheres negras - que se submetem a certos tratamentos atrás de uma beleza que não é própria de sua etnia -

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR

ISSN 2317-8930

é reflexo da adequação a uma "cultura dominante", herdada do período de escravidão, objetivando uma aceitação maior pela sociedade. Faz a mulher negra ser levada a acreditar que seus cabelos e demais características são "ruins", o que, por sua vez, faz alimentar a indústria, o consumo.

A resposta que a chamada por meio do site obteve, foi reafirmado o fato de que a mulher negra quer relatar sua história de submissão a esta descaracterização que é o alisamento, que se vincula a premissa de branqueamento. Portanto pertinente a este trabalho é não somente padrão de beleza, mas compreender a origem da busca por uma aproximação da aparência branca.

Desenvolvimento

O projeto audiovisual, ainda em etapa de produção, diz respeito a identidade das mulheres negras - estas que, em grande parte, são sujeitadas a procedimentos capilares agressivos e que as descaracterizam desde muito cedo (ocorrendo até mesmo na infância), numa busca ainda que inconsciente por um ideal estético branco. Torna o cabelo alisado uma regra e algo convencional quando, na prática, seria exceção - o que corrobora o fato de que a o comportamento discriminação é aparente dentro da sociedade de várias formas e não parte apenas do não-negro. Sendo assim, como ponto de partida desta investigação, na base teórica, está a reflexão a respeito da ideia de "bela" de maneira geral e dos reflexos do branqueamento.

Dizer que o belo e feio são relativos aos tempos e às culturas (...) não significa, porém, que não se tentou, desde sempre, vê-los como padrões definidos em relação a um modelo estável. Pode-se sugerir também, como Nietzsche no Crepúsculo dos Ídolos, que "no belo, o ser humano se coloca como medida da perfeição". (ECO, 2007, p.15)

Então quem seria este ser humano perfeito, que detém todas as características estéticas que o fazem modelo? E como os subjugados chegam ao ponto de negar as

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR

ISSN 2317-8930

próprias características, de tal forma que valorizam a beleza de seu opressor na tentativa de serem aceitos?

Os padrões de beleza acarretam a discriminação do que não se enquadra nestes moldes, levando a segregação de parcelas consideráveis da sociedade, incluindo também, mas não somente, o povo negro. Pensar sobre o que de fato é o belo é algo mais do que o meramente estético, e leva em conta critérios sociais e políticos. Uma vez que povos de diversas culturas por todo o mundo sofrem consequências apenas por não serem semelhantes ao padrão vigente, imposto por uma elite, não se pode ignorar o fato de que se considera um grupo diferente, oposto, inimigo por não estar de acordo com um parâmetro (portanto, feio) ou é considerado diferente e, a partir deste momento, suas características físicas se tornam desprovidas da dita beleza. Em suma, ou a figura do "outro" é feia ou se torna feia por ser o "outro" - seja por cor da pele, pelas demais características físicas e suas proporções ou também por hábitos que compreendem sua cultura (o que inclui religião, obviamente). O autor Andreas Hofsbauer evidencia este fato, o que deixa bem clara a ideia desta divisão simbólica, a dicotomia que trata o "branco" como a representação do bem e o "negro" como representação do mal e como isso se desdobra desde bases religiosas:

Durante muito tempo, as cores "negro" e "branco" continuaram a ser associadas a ideais e valores morais e religiosos, de maneira que os mais variados "povos infiéis", tanto africanos como asiáticos e, inclusive, os indígenas do Novo Mundo, seriam chamados de negros e discriminados como tais. Vimos que o transporte de escravos africanos para o Novo Mundo era incentivado no discurso jesuítico como "resgate"; isto é, como uma espécie de empresa de salvação que possibilitaria a "reintegração" de seres humanos "enegrecidos" à grande família da cristandade. (...) quando o conceito de raça foi se estabelecendo no discurso científico e popular, esta categoria "convivia" com um ideário que visava transformar "negro" em "branco". (HOFSBAUER, 2006, p.407)

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR

ISSN 2317-8930

Portanto, entende-se que a ideia do branquear é vista, não de hoje, como uma segunda chance para o indivíduo desprovido da qualidade do branco. Sendo que, posteriormente, novas teorias, fundamentadas em estudos científicos, surgiram atribuindo as diferenças dos seres a aspectos climáticos e de localização e, mais a frente ainda, outras pesquisas apontaram a existência da "raça" como algo que independia de aspectos religiosos ou condições geográficos, que partia de uma "essência", enfim, mas, ainda assim, não faz abandonar o estigma de ser enegrecido. Assim, paralelamente, o negro passava pela ideia do branqueamento que, infelizmente, ecoa na contemporaneidade.

O ideário do branqueamento, em suas várias fases históricas, nunca se resumiu a ideia de "transformar uma cor/raça em outra". As reflexões das elites espelhavam concepções de mundo e interesses políticos específicos e tinham respaldo também no imaginário popular. Vimos que, desde cedo, o ideário do branqueamento deitou raízes nas camadas populares. Procurar apresentar-se "o mais branco possível", como estratégia para sofrer menos discriminação e ser, talvez, mais aceito, é um comportamento que podemos localizar entre escravos africanos já nos primórdios do colonialismo europeu (e, inclusive, no medievo árabe-muçulmano). Uma prática que teve, aparentemente, certa continuidade no Brasil. (HOFSTBAUER, 2006, p.408)

Mas o mais interessante vem logo a seguir no texto, onde o autor explica que, durante a sua pesquisa, certos autores explicitam o momento em que escravizados, quando libertos, evitavam a associação com a própria cor e também preferem não falar de sua origem. Esse comportamento descredita a cultura toda em função de uma recolocação dentro daquela sociedade.

No início do século XIX, Koster falou de um peculiar paralelismo entre as tentativas de ascensão social e a ansiedade por "melhorar a cor"; e Rugendas chamou a atenção para o fato de os libertos não gostarem de ser lembrados de sua ascendência escrava e de sua cor de pele. Os comentários desses autores apontaram, portanto, para a existência de um ideário (...) que tende a fundir status social elevado com a cor branca e/ou raça branca e cria ainda a ilusão de uma possível transformação de cor/ raça. (HOFSTBAUER, 2006, p.410)

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR

ISSN 2317-8930

É como que algumas leituras mostrem, por exemplo, imagens que representam os negros libertos com vestes e acessórios que os adornavam justamente porque queriam mostrar a sua liberdade não valorizando a própria cultura, mas se apropriando da indumentária habitual de brancos. Isso conversa com o artigo *O Branqueamento da Cultura Afro-Brasileira*, que fala da discriminação nos tempos atuais como herança da escravização, bem como a construção da inferiorização da identidade negra.

Estamos falando de certo uso social da cor, que não só leva a terminologia a se mostrar subjetiva, como torna seu uso objeto de disputa. Com uma forte preferência pelo branco ou por tudo o que puxa o mais claro, joga-se o preto para o ponto mais baixo da escala social: os negros que não querem se definir como negros e têm uma condição um pouco melhor tendem a se auto definir como escuro ou, mais ainda, como pardos ou morenos. (FREITAS, 2008, p. 8)

É por isso que se compreende como é visto o negro pelo não-negro, mas o mais importante ainda é como percebe-se o negro sob ótica do próprio negro, como ele se enxerga e se coloca frente a sociedade. Até aqui, portanto, gerações buscaram, em vez da afirmação do negro, a aceitação por parte do branco. O subterfúgio para tanto foi a apropriação de costumes para parecer branco. Parte da população negra criou o hábito de negar a própria história, as origens, esquecendo da principal realidade, deixando de lado o papel de vítima, para ocupar o espaço de vergonha, pois não quer ser associado a sua imagem enquanto escravizado e isso foi transmitido as gerações seguintes.

Atualmente a incorporação de um comportamento discriminatório é presente. Grande parte das mulheres que entraram em contato por meio da ferramenta disponível no site do projeto, relatou histórias, falando de diversas situações em que estiveram em momentos constrangedoras, se sentindo completamente desconfortáveis com a própria aparência, em função do cabelo. Mas o principal nestes depoimentos é que é comum no lar da própria família negra e na comunidade que a cerca existe a estranheza com relação ao cabelo natural, que não é bem visto.

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR

ISSN 2317-8930

No relato da juventude de Bell Hooks, em *Alisando o Nosso Cabelo*, nota-se outra realidade. Ali, mãe e irmãs se reúnem para um "ritual" em que alisam os cabelos. A cena descrita mostra as mulheres de uma família negra que puxam os cabelos com o pente quente², e o alisamento, conforme dito pela própria, significava na época deixar de ser percebida como menina (que usa os cabelos crespos trançados), para ser quase uma mulher. Ser mulher está aliado ao fato de alisar o cabelo. No texto, explica que, como não tinha o cabelo tão crespo, o suficiente para a eficácia do pente quente, ela se sentia excluída deste ritual alisante que ambicionava.

Faz-se, então, um paralelo com os textos da cultura afro, onde a cabeça é tratada como um templo para os africanos - como grupo, como história, como identidade. Elaborar penteados é arte e a figura da pessoa que mexe nos cabelos é exaltada - não somente a cabeça, mas o corpo todo é muito preservado enquanto meio para expressão da cultura para eles. Em *Cabelos de Axé*, está claro este instrumento como manifesto de respeito a própria cultura:

Livre é a arte de tratar os cabelos: trançados, untados de óleos e gorduras; com pigmentos que vão do barro ao azul índigo; adornados de búzios, penas, fibras, tecidos, ouro, contas de coral, marfim, âmbar, vidro, material reciclado, plástico, metais, papel e tudo o mais que, incluído no penteado, manifesta expressão e desejo de experimentar e revelar o belo, que é, antes de tudo, identidade. (LODY, 2004, p. 13)

Ou seja, se em um momento evidencia-se uma cultura afro, em que qualquer coisa acrescentada ao penteado ou aplicada ao cabelo tem a função de ressaltar a beleza de um povo, a cultura, a identidade dentro de um grupo, vemos o caso relatado por Bell Hooks, em que seu inferno era o fato de não poder alisar o cabelo. Se mexer nos cabelos antes era ato íntimo de valorização, num segundo momento, passou a ser um ato de descaracterização.

Sendo assim, necessário mencionar a movimentação que aconteceu em meados dos anos 60, quando grande parte da África estava descolonizada, levando a uma nova organização política que assegurou mais liberdade ao povo africano e a

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR

ISSN 2317-8930

valorização da própria cultura. Essa nova estruturação não apenas moveu a população local, como também motivou uma comoção mundial. É o caso dos Estados Unidos, por exemplo, onde a luta pelos direitos civis dos negros era ativa. Não é surpresa, então, que os movimentos negros, que naquele momento redescobriram o orgulho nos próprios traços. Nota-se em movimentos como Panteras Negras, Black Power, e também explica-se no posterior surgimento do movimento cultural que produzia filmes de negros para negros, o Blaxploitation, enfim.

Ou seja, voltando a Bell Hooks, no início do texto ela admite que, naquela época, não fazia ideia desta associação ao modelo de beleza branco (possivelmente nem suas irmãs). Observe que ainda que a sua juventude tenha sido exatamente durante toda esta movimentação pelos direitos civis e da cultura negra.

Uma perfeita amostra atemporal, que representa também grande parte das mulheres que se submetem ao padrão alisante e sequer racionalizaram todo o significado disso. Que passam parte da vida abdicando da personalidade, apenas reproduzindo um comportamento embutido em sua criação, transmitido por gerações - ainda que muitas outras sirvam de exemplo e consigam resgatem sua identidade pelo caminho. Mulheres que não dão créditos a própria imagem e essência.

Conclusão

O projeto, ainda em etapa inicial, no momento em que foi lançada a chamada por meio do site, obteve uma devolutiva enriquecedora tanto por parte de pessoas interessadas em participar como também por parte de outras que apenas queriam questionar, sugerir ou tecer qualquer crítica. Em todos os casos, a contribuição para a consciência na realização do trabalho foi imensurável, tornando o processo de realização muito mais interessante. Esse período que antecedeu o início das filmagens mostrou-se fundamental não só para a formação de um argumento mais consistente, mas também como peça na compreensão desta parte da história negra. A

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR

ISSN 2317-8930

proposta alcançou o retorno de um número expressivo de pessoas (levando em consideração o fato de ser uma realização universitária independente) justamente porque existem mulheres querendo expor suas experiências, suas ideias, suas expectativas, não apenas compartilhando histórias de sofrimento, mas também contando histórias novas, que revelam superação, engajamento, mudança. Exercer representatividade, entender a importância dessa valorização das próprias origens é a consciência negra.

A imersão no andamento histórico mencionado se fez necessário para compreender porque existe a necessidade de expor este documentário ainda nos tempos de hoje e de como ele pode agir. Os casos de discriminação racial fazem parte do noticiário e frequentemente o negro é ridicularizado, inclusive humilhado em programas de tv. O que evidencia a necessidade da luta em função de um problema que não mais deveria ser. A história aponta a necessidade do negro reconhecer-se como negro e posicionar-se como tal. Uma vez que a educação negligencia a história dos negros, estes têm que focar a busca de movimentos sociais, plateias, partidos, televisão, redes sociais, mídia impressa, universidades e também a frente das câmeras - ou ficar por trás delas e exercer seu protagonismo.

Referências Bibliográficas

- ECO, Umberto. A história da feiura. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LODY, Raul. Cabelos de Axé: Identidade e resistência. São Paulo: Senac Nacional, 2004.
- HOFBAUER, Andreas. Uma história de branqueamento ou o negro em questão. São Paulo: Unesp, 2006.
- FREITAS, Ubiratã. O Branqueamento da Cultura Afro-Brasileira. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, n.10, agosto. 2010.